



DESPERTAR DA MAGIA

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - VOL 4

GEORGE
R.R.
MARTIN

- tradução de Jorge Candeias -

JON

O monte projectava-se por cima do denso emaranhado de floresta, erguendo-se solitário e súbito, deixando ver as suas alturas varridas pelo vento de milhas em redor. Os patrulheiros diziam que os selvagens lhe chamavam Punho dos Primeiros Homens. Jon pensou que *realmente* se parecia com um punho, atravessando a terra e a floresta, com as vertentes nuas e castanhas encimadas por pedra.

Cavalgou até ao topo com o Lorde Mormont e os oficiais, deixando o Fantasma lá em baixo, entre as árvores. O lobo gigante fugira por três vezes enquanto subiam, regressando relutantemente por duas dessas vezes ao som do assobio de Jon. Da terceira, o Senhor Comandante perdera a paciência e exclamara:

— Deixa-o ir, rapaz. Quero alcançar o cume antes do ocaso. Procura o lobo mais tarde.

O caminho era íngreme e pedregoso, e o cume estava coroadado com um muro de pedras desprendidas dos rochedos que chegava ao peito. O grupo foi forçado a dar uma larga volta para oeste até encontrar uma brecha suficientemente larga para deixar passar os cavalos.

— Isto é uma boa posição, Thoren — proclamou o Velho Urso quando atingiram por fim o topo. — Dificilmente encontraremos melhor. Faremos aqui o acampamento para esperar pelo Meia-Mão. — O Senhor Comandante saltou da sela, desalojando o corvo do ombro. Queixando-se sonoramente, a ave levantou voo.

A vista do topo do monte era abrangente, mas o que atraiu os olhos de Jon foi o muro circular, as pedras cinzentas desgastadas com as suas manchas brancas de líquenes, as suas barbas de musgo verde. Dizia-se que o Punho tinha sido um forte anelar dos Primeiros Homens, na Idade da Alvorada.

— Um lugar velho e forte — disse Thoren Smallwood.

“*Velho*”, gritou o corvo de Mormont, batendo as asas em círculos ruidosos em volta das cabeças dos homens. “*Velho, velho, velho*”.

— Cala-te — rosou Mormont para a ave. O Velho Urso era demasiado orgulhoso para admitir fraqueza, mas Jon não se deixava enganar. O esforço de acompanhar os homens mais novos estava a cobrar o seu preço.

— Esta elevação será fácil de defender, se for necessário — fez notar

Thoren enquanto levava o cavalo ao longo do anel de pedras, com o vento a agitar-lhe o manto forrado a zibelina.

— Sim, este lugar servirá. — O Velho Urso ergueu uma mão para o vento, e o corvo aterrou-lhe no antebraço, arranhando com as garras a cota de malha negra.

— E a água, senhor? — quis saber Jon.

— Atravessámos um riacho no sopé do monte.

— Uma longa subida para beber água — fez notar Jon — e fora do anel de pedra.

Thoren disse:

— És demasiado preguiçoso para subir um monte, rapaz?

O Lorde Mormont disse:

— Não é provável que encontremos outro sítio tão forte como este.

Transportaremos água e assegurar-nos-emos de estar bem abastecidos — e Jon sabia que não devia discutir. E assim a ordem foi dada e os irmãos da Patrulha da Noite montaram o acampamento por trás do anel de pedra que os Primeiros Homens tinham feito. Tendas negras nasceram como cogumelos depois de uma chuvada, e cobertores e colchões de enrolar cobriram o terreno nu. Intendentes ataram os garranos em longas fileiras, e deram-lhes água e alimento. Lenhadores levaram os seus machados até às árvores, à luz da tarde que se escoava, a fim de colher madeira suficiente para a noite. Uma vintena de construtores pôs-se a limpar a vegetação rasteira, a cavar latrinas e a desatar os feixes de estacas endurecidas pelo fogo que tinham trazido.

— Quero ver fosso e estacas em todas as aberturas do muro antes de cair a noite — ordenara o Velho Urso.

Depois de erguer a tenda do Senhor Comandante e de cuidar dos cavalos, Jon Snow desceu o monte em busca do Fantasma. O lobo gigante veio de imediato, num silêncio total. Num momento, Jon caminhava a passos largos por entre as árvores, assobiando e gritando, sozinho na verdura, com pinhas e folhas caídas sob os pés; no seguinte, o grande lobo gigante branco caminhava a seu lado, alvo como a neblina da manhã.

Mas quando chegaram ao forte anelar, Fantasma voltou a mostrar-se renitente. Avançou com cautela para farejar a abertura nas pedras, e depois recuou, como se não tivesse gostado do que cheirara. Jon tentou agarrá-lo pelo cachaço e arrastá-lo à força para dentro do anel, o que não era tarefa fácil; o lobo pesava tanto como ele, e era muito mais forte.

— Fantasma, que se passa contigo? — Não era dele mostrar-se tão perturbado. Por fim, Jon teve de desistir. — Como queiras — disse ao lobo. — Vai, caça. — Os olhos vermelhos ficaram a observá-lo enquanto abria caminho por entre as pedras cobertas de musgo.

Deviam estar ali em segurança. O monte tinha uma posição dominante, e as vertentes norte e oeste formavam precipícios e eram apenas um pouco mais suaves para leste. E no entanto, à medida que o ocaso se aprofundava e a escuridão deslizava pelos espaços vazios entre as árvores, a sensação de mau agouro que Jon trazia cresceu. *Isto é a floresta assombrada*, disse a si próprio. *Talvez haja aqui fantasmas, os espíritos dos Primeiros Homens. Em tempos, este lugar pertenceu-lhes.*

— Pára de agir como um rapaz — murmurou. Trepando para cima das pedras empilhadas, Jon dirigiu o olhar para o Sol poente. Conseguia ver a luz a tremeluzir como ouro martelado na superfície do Guadeleite no ponto em que o rio curvava para sul. A montante, o terreno era mais irregular, com a floresta densa a dar lugar a uma série de montes pedregosos e nus que se erguiam, altos e bravios, para norte e oeste. No horizonte, as montanhas erguiam-se como uma grande sombra, cordilheira após cordilheira a estender-se na distância azul-acinzentada, com os picos recortados perpetuamente revestidos de neve. Mesmo de longe, pareciam vastas, frias e inóspitas.

Mais perto dali, eram as árvores que governavam. Para sul e para leste, a floresta estendia-se até ao horizonte, um vasto emaranhado de raízes e ramos pintado num milhar de tons de verde, com uma mancha de vermelho aqui e ali, onde um represeiro abria caminho por entre os pinheiros e árvores-sentinela, ou uma gota de amarelo nos locais em que algumas árvores de folha caduca tinham começado a mudar de cor. Quando o vento soprou, conseguiu ouvir o estalar e ranger de ramos mais velhos do que ele. Mil folhas esvoaçaram e por um momento a floresta pareceu um mar de um verde profundo, tempestuoso e palpitante, eterno e impossível de conhecer.

Reflectiu que não era provável que o Fantasma estivesse sozinho lá em baixo. Qualquer coisa podia estar em movimento sob aquele mar, rastejando através da escuridão dos bosques na direcção do forte anelar, escondida sob aquelas árvores. *Qualquer coisa*. Como poderiam chegar a saber? Ficou ali por longo tempo, até o Sol desaparecer por trás dos picos serrados das montanhas e a escuridão começar a deslizar pela floresta.

— Jon? — chamou Samwell Tarly. — Bem me parecia seres tu. Estás bem?

— Suficientemente bem. — Jon saltou para baixo. — Como passaste hoje o dia?

— Bem. Passei bem. De verdade.

Jon não ia partilhar as suas inquietações com o amigo, em especial no momento em que Samwell Tarly parecia por fim começar a encontrar a sua coragem.

— O Velho Urso tenciona esperar aqui por Qhorin Meia-Mão e pelos homens vindos da Torre Sombria.

— Parece um sítio forte — disse Sam. — Um forte anelar dos Primeiros Homens. Achas que houve batalhas travadas aqui?

— Sem dúvida que sim. É melhor que prepares uma ave. Mormont vai querer enviar notícias.

— Bem gostava de poder enviá-las a todas. Detestam estar engaioladas.

— Também detestarias, se pudesses voar.

— Se eu pudesse voar, estaria de volta a Castelo Negro, a comer um empadão de porco — disse Sam.

Jon deu-lhe uma palmada no ombro com a mão queimada. Atravessaram juntos o acampamento. Fogueiras para cozinhar eram acesas por todo o lado. Em cima, as estrelas iam aparecendo. A longa cauda vermelha do Archote de Mormont ardia, luminosa como a Lua. Jon ouviu os corvos antes de os ver. Alguns chamavam pelo seu nome. As aves não se acanhavam quando tocava a fazer barulho.

Eles também o sentem.

— É melhor que vá atender ao Velho Urso — disse. — Ele também fica barulhento quando não é alimentado.

Foi encontrar Mormont a conversar com Thoren Smallwood e meia dúzia de outros oficiais.

— Aqui estás tu — disse o velho em tom rabugento. — Traz-nos um pouco de vinho quente, por favor. A noite está gelada.

— Sim, senhor. — Jon acendeu uma fogueira para cozinhar, requisitou aos abastecimentos um casco do tinto encorpado que Mormont preferia e despejou-o numa chaleira. Pendurou-a sobre as chamas enquanto reunia o resto dos ingredientes. O Velho Urso era exigente com o vinho quente condimentado. Tanto de canela, tanto de noz-moscada e tanto de mel, nem uma gota mais. Passas, nozes e bagas secas sim, mas nada de limão, isso era o mais asqueroso tipo de heresia sulista... o que era estranho, uma vez que ele punha sempre limão na cerveja matinal. A bebida devia estar quente para aquecer devidamente um homem, insistia o Senhor Comandante, mas nunca se podia permitir que o vinho começasse a ferver. Jon vigiou a chaleira com olho cuidadoso.

Enquanto trabalhava, conseguia ouvir as vozes que vinham de dentro da tenda. Jarman Buckwell disse:

— O caminho mais fácil para subir os Colmilhos de Gelo é seguindo o Guadeleite até à nascente. Mas se formos por aí, Rayder saberá da nossa aproximação, tão certo como o nascer do Sol.

— A Escada do Gigante pode servir — disse Sor Mallador Locke — ou o Passo dos Guinchos, se estiver limpo.

O vinho fumegava. Jon tirou a chaleira do fogo, encheu oito taças e levou-as para a tenda. O Velho Urso espreitava o mapa rudimentar que Sam desenhara para ele na Fortaleza de Craster. Tirou uma taça do tabuleiro de Jon, experimentou o vinho e fez um aceno brusco de aprovação. O corvo saltou-lhe do braço. “*Grão*”, disse. “*Grão. Grão.*”

Sor Ottyn Wythers recusou o vinho com um aceno.

— Eu preferia não entrar de todo nas montanhas — disse numa voz fraca e fatigada. — Os Colmilhos de Gelo mordem cruelmente mesmo de Verão, e agora... se formos apanhados por uma tempestade...

— Não tenciono arriscar os Colmilhos, a menos que tenhamos de o fazer — disse Mormont. — Os selvagens não são mais capazes de viver de neve e pedra do que nós. Irão emergir das alturas em breve, e para qualquer hoste de um tamanho razoável, a única rota possível segue o Guadeleite. Se assim for, temos aqui uma posição forte. Eles não podem esperar passar por nós à socapa.

— Podem não o querer fazer. São milhares, e nós seremos trezentos quando o Meia-Mão nos alcançar. — Sor Mallador aceitou a taça que Jon lhe oferecia.

— Se chegar a haver batalha, não podíamos desejar posição melhor do que esta — declarou Mormont. — Reforçaremos as defesas. Fossos e espigões, estrepes espalhadas pelas vertentes, com todos os ramos preparados. Jarman, quero os teus olhos mais aguçados como vigias. Dispostos em anel, à nossa volta e ao longo do rio, para nos prevenirem de qualquer aproximação. Esconde-os nas árvores. E é melhor começarmos também a trazer água para cima, mais do que a que nos faz falta. Escavaremos cisternas. Isso manterá os homens ocupados, e pode mostrar-se necessário mais tarde.

— Os meus patrulheiros... — começou Thoren Smallwood.

— Os teus patrulheiros limitarão as patrulhas a este lado do rio até que o Meia-Mão nos alcance. Depois disso, veremos. Não perderei mais dos meus homens.

— Mance Ryder pode estar a reunir a sua hoste a um dia de viagem daqui e nunca o saberemos — protestou Smallwood.

— Nós sabemos onde os selvagens se estão a juntar — retorquiu Mormont. — Craster disse-nos. Não gosto do homem, mas não me parece que nos tenha mentido quanto a isso.

— Às vossas ordens. — Smallwood saiu carrancudo. Os outros terminaram o vinho e seguiram-no, com mais cortesia.

— Deverei trazer-vos o jantar, senhor? — perguntou Jon.

“*Grão*”, gritou o corvo. Mormont não respondeu logo. Quando o fez, disse apenas:

— O teu lobo encontrou caça hoje?
— Ainda não voltou.
— Seria bom termos carne fresca. — Mormont enfiou a mão num saco e ofereceu uma mão-cheia de milho ao corvo. — Achas que faço mal em manter os patrulheiros por perto?
— Isso não me cabe a mim dizer, senhor.
— Cabe, se eu perguntar.
— Se os patrulheiros tiverem de permanecer à vista do Punho, não vejo como podem esperar encontrar o meu tio — admitiu Jon.
— Não podem. — O corvo debicou os grãos da mão do Velho Urso.
— Sejam duzentos homens ou dez mil, esta terra é demasiado vasta. — Desaparecido o milho, Mormont virou a mão.
— Não estais a pensar desistir da busca?
— O Mestre Aemon pensa que és esperto. — Mormont deslocou o corvo para o ombro. A ave inclinou a cabeça para um lado, com os olhinhos a brilhar.
A resposta encontrava-se ali.
— É... parece-me que pode ser mais fácil a um homem encontrar duzentos do que a duzentos encontrarem um.
O corvo soltou um guincho zombeteiro, mas o Velho Urso sorriu por entre o cinzento da barba.
— Todos estes homens e cavalos deixam um rasto que até Aemon seria capaz de seguir. Neste monte, as nossas fogueiras devem ser visíveis até às faldas dos Colmilhos de Gelo. Se Ben Stark estiver vivo e livre, virá ter connosco, não tenho qualquer dúvida.
— Sim — disse Jon — mas... e se...
— ...estiver morto? — perguntou Mormont, num tom que não era desprovido de gentileza.
Jon confirmou relutantemente com a cabeça.
“Morto,” disse o corvo. “Morto. Morto.”
— Poderá vir na mesma ter connosco — disse o Velho Urso. — Como fez Othor, e Jafer Flowers. Temo isso tanto como tu, Jon, mas temos de admitir a possibilidade.
“Morto,” crocitou o corvo, sacudindo as asas. A voz da ave subiu de intensidade e tornou-se mais estridente. “Morto”.
Mormont afagou as penas negras da ave, e abafou um súbito bocejo com as costas da mão.
— Creio que vou dispensar o jantar. O descanso servir-me-á melhor. Acorda-me à primeira luz da aurora.
— Dormi bem, senhor. — Jon recolheu as taças vazias e saiu. Ouviu risos distantes, o som lamentoso de uma gaita. Uma grande fogueira esta-

lejava no centro do acampamento, e conseguia sentir o cheiro do estufado que se encontrava ao lume. O Velho Urso podia não ter fome, mas Jon tinha. Aproximou-se calmamente do fogo.

Dywen discorria, de colher na mão.

— Conheço esta floresta tão bem como qualquer homem vivo, e digo-vos que não quereria percorrê-la sozinho esta noite. Não sentis o cheiro?

Grenn olhava-o de olhos muito abertos, mas o Edd Doloroso disse:

— O cheiro que eu sinto é o da merda de duzentos cavalos. E deste estufado. Que tem um aroma parecido, agora que o cheiro bem.

— Tenho o teu *aroma parecido* mesmo aqui. — Hake deu uma palmadinha na adaga. Resmungando, encheu a tigela de Jon.

O estufado era engrossado com cevada, cenoura e cebola, com um farrapo de carne de vaca salgada aqui e ali, amaciado pela fervura.

— Que é que cheiras, Dywen? — perguntou Grenn.

O lenhador chupou a colher por um momento. Tinha tirado os dentes. Possuía um rosto enrugado semelhante a couro, e mãos nodosas como velhas raízes.

— Parece-me que cheira... bem... *a frio*.

— A tua cabeça é tão feita de madeira como os dentes — disse-lhe Hake. — Não existe cheiro a frio.

Existe, pensou Jon, lembrando-se da noite nos aposentos do Senhor Comandante. *Cheira a morte*. De súbito, deixara de sentir fome. Deu o estufado a Grenn, que parecia precisar de um jantar extra para se aquecer contra a noite.

O vento soprava fresco quando saiu. De manhã, geada cobriria o chão e as cordas das tendas estariam rígidas e congeladas. Alguns dedos de vinho condimentado sacolejavam dentro da chaleira. Jon alimentou a fogueira com madeira fresca e pôs a chaleira sobre as chamas, para voltar a aquecê-la. Flexionou os dedos enquanto esperava, fechando-os e esticando-os até a mão começar a formigar. O primeiro turno de vigia tinha ocupado os seus lugares em volta do perímetro do acampamento. Tremeluziam archotes ao longo da muralha anelar. A noite não tinha Lua, mas mil estrelas brilhavam por cima da sua cabeça.

Um som ergueu-se da escuridão, ténue e distante, mas inconfundível: os uivos de lobos. As suas vozes subiam e desciam, uma canção gelada e solitária. Fazia com que os pêlos na parte de trás do pescoço se lhe eriçassem. Do outro lado da fogueira, um par de olhos vermelhos olhou-o das sombras. A luz das chamas fazia-os cintilar.

— Fantasma — suspirou Jon, surpreendido. — Então afinal entraste, há? — Era frequente que o lobo branco levasse a caçar toda a noite; não

esperara voltar a vê-lo antes do nascer do dia. — A caça foi assim tão má? — perguntou. — Vem cá. A mim, Fantasma.

O lobo gigante deu a volta à fogueira, farejando Jon, farejando o vento, sem nunca ficar quieto. Não parecia desejar carne naquele momento. *Quando os mortos se ergueram, o Fantasma soube. Acordou-me, preveniu-me.* Alarmado, pôs-se em pé.

— Está alguma coisa lá fora? Fantasma, apanhaste um cheiro? — *Dywen disse que cheirava a frio.*

O lobo gigante afastou-se com um salto, parou, olhou para trás. *Ele quer que o siga.* Puxando o capuz do manto para cima, Jon afastou-se das tendas, do calor da sua fogueira, passou pelas fileiras dos pequenos garraños hirsutos. Um dos cavalos relinchou nervosamente quando Fantasma passou perto dele. Jon acalmou-o com uma palavra e fez uma pausa para lhe afagar o focinho. Conseguiu ouvir o vento a assobiar através das fendas entre as pedras quando se aproximaram do muro circular. Uma voz proferiu um desafio. Jon saiu para a luz do archote.

— Tenho de ir buscar água para o Senhor Comandante.

— Então vai — disse o guarda. — E despacha-te. — Aninhado no interior do manto branco, com o capuz erguido contra o vento, o homem nem olhou para ele para ver se trazia um balde.

Jon deslizou de lado entre duas estacas aguçadas, enquanto Fantasma se esgueirava por baixo delas. Um archote tinha sido atirado para dentro de uma fenda, e as suas chamas eram como bandeiras de um tom claro de laranja quando as rajadas de vento sopravam. Jon pegou nele enquanto se encolhia pela fenda entre as pedras. Fantasma desceu o monte a correr. Jon seguiu-o mais devagar, com o archote erguido à frente enquanto ia descendo. Os sons do acampamento desvaneceram-se nas suas costas. A noite estava negra, e a encosta era íngreme, pedregosa e irregular. Uma desatenção momentânea seria uma maneira segura de partir um tornozelo... ou o pescoço. *Que estou eu a fazer?*, perguntou a si próprio enquanto procurava o caminho.

As árvores erguiam-se por baixo, guerreiros com armaduras de casca e folha, alinhados nas suas fileiras silenciosas à espera da ordem de atacar o monte. Pareciam negras... era só quando a luz do archote por elas raspava que Jon vislumbrava um clarão de verde. Tenuemente, ouvia o som de água a fluir sobre rochas. O Fantasma desapareceu na vegetação rasteira. Jon lutou para o seguir, escutando o chamado do riacho, os suspiros das folhas ao vento. Raminhos agarraram-se-lhe ao manto, enquanto por cima da sua cabeça ramos mais grossos se entrelaçavam e escondiam as estrelas.

Encontrou Fantasma a beber do riacho

— *Fantasma* — chamou —, a mim. *Já.* — Quando o lobo gigante

ergueu a cabeça, os seus olhos brilharam, vermelhos e sinistros, e água escorreu das suas mandíbulas como saliva. Havia nele naquele instante algo de feroz e terrível. E então partiu, passando por Jon aos saltos, correndo através das árvores. — Fantasma, *não*, fica — gritou, mas o lobo não lhe prestou atenção. A esguia silhueta branca foi engolida pela escuridão, e Jon ficou apenas com duas possibilidades... voltar a subir o monte, sozinho, ou segui-lo.

Seguiu-o, zangado, segurando o archote em baixo para conseguir ver as pedras que ameaçavam fazê-lo tropeçar a cada passo, as espessas raízes que pareciam agarrar-se aos seus pés, os buracos onde um homem podia torcer um tornozelo. A cada par de metros voltava a chamar por Fantasma, mas o vento nocturno rodopiava por entre as árvores e bebia as palavras. *Isto é uma loucura*, pensou enquanto mergulhava mais profundamente nas árvores. Estava quase a voltar para trás quando vislumbrou um clarão branco mais à frente e à direita, na direcção do monte. Correu atrás dele, praguejando em surdina.

Perseguiu o lobo ao longo de um quarto de volta em redor do Punho antes de o voltar a perder de vista. Por fim, parou para recuperar o fôlego por entre os arbustos, espinheiros e pedras tombadas no sopé do monte. Para lá da luz do archote, a escuridão apertava-se.

Um som suave de esgravatar fê-lo virar-se. Dirigiu-se ao som, pondo os pés com cuidado entre pedregulhos e espinheiros. Atrás de uma árvore caída, voltou a encontrar o Fantasma. O lobo gigante cavava furiosamente, arremessando terra para todos os lados.

— Que encontraste? — Jon baixou o archote, revelando um montículo arredondado de terra mole. *Uma sepultura*, pensou. *Mas de quem?*

Ajoelhou-se e espetou o archote na terra a seu lado. O solo era solto, arenoso. Jon apanhou-o às mãos-cheias. Não havia pedras nem raízes. O que quer que ali estivesse tinha sido lá colocado recentemente. Meio metro mais abaixo, os dedos tocaram em tecido. Esperara encontrar um cadáver, temera encontrar um cadáver, mas isto era outra coisa. Fez força contra o tecido e sentiu por baixo formas pequenas e duras, que não cediam. Não havia nenhum cheiro, nenhum sinal de vermes. O Fantasma recuou e sentou-se, observando.

Jon sacudiu o solo solto para revelar uma trouxa arredondada com cerca de meio metro de diâmetro. Enfiou os dedos ao longo da periferia e conseguiu soltá-la. Quando a puxou, o que quer que estivesse lá dentro deslocou-se e tiniu. *Um tesouro*, pensou, mas as formas eram erradas para se tratar de moedas, e o *som* era errado para metal.

Um bocado de corda gasta atava a trouxa. Jon desembainhou o punhal e cortou-a, procurou às apalpadelas as extremidades do tecido e pu-

xou. A trouxa virou-se, e o seu conteúdo espalhou-se no chão, cintilando, escuro e brilhante. Viu uma dúzia de facas, pontas de lança em forma de folha, numerosas pontas de seta. Jon pegou numa lâmina de punhal, leve como uma pena e de um negro brilhante, sem cabo. A luz do archote correu ao longo do seu gume, uma fina linha cor-de-laranja que falava de algo afiado como uma navalha. *Vidro de dragão. Aquilo a que os mestres chamam obsidiana.* Teria o Fantasma descoberto algum antigo esconderijo dos filhos da floresta, ali enterrado durante milhares de anos? O Punho dos Primeiros Homens era um lugar antigo, mas...

Por baixo do vidro de dragão estava um velho corno de guerra, feito de um corno de auroque e ligado com bronze. Jon sacudiu-o e um rio de pontas de seta jorrou lá de dentro. Deixou-as cair, e puxou por um canto do pano em que as armas tinham sido envolvidas, esfregando-o entre os dedos. *Boa lâ, espessa, de malha dupla, húmida mas não apodrecida.* Não podia ter ficado muito tempo no chão. E era *escura*. Agarrou numa mão-cheia e aproximou-a do archote. *Escura, não. Negra.*

Mesmo antes de Jon se pôr em pé e sacudir o que tinha na mão, sabia o que era: o manto negro de um Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite.

B R A N

Alebelly foi encontrá-lo na forja, a trabalhar nos foles para Mikken.

— O Mestre quer-vos no torreão, s'nhor príncipe. Chegou uma ave do rei.

— De Robb? — Excitado, Bran não esperou por Hodor, e deixou que Alebelly subisse os degraus levando-o ao colo. Era um homem grande, embora não tão grande como Hodor e nem de longe tão forte. Quando chegaram ao torreão do Mestre, tinha a cara vermelha e arquejava. Rickon chegara antes deles, e ambos os Walder Frey também.

O Mestre Luwin mandou embora Alebelly e fechou a porta.

— Senhores — disse em tom grave —, recebemos uma mensagem de Sua Graça, com boas e más notícias. Conseguiu uma grande vitória no Oeste, desbaratando um exército Lannister num lugar chamado Cruzaboi, e tomou também vários castelos. Escreve-nos de Cinzamarca, anteriormente o castro da Casa Marbrand.

Rickon puxou pela toga do Mestre.

— Robb vem para casa?

— Temo que ainda não. Ainda há batalhas a travar.

— Foi o Lorde Tywin que ele derrotou? — perguntou Bran.

— Não — disse o Mestre. — Quem comandava a hoste inimiga era Sor Stafford Lannister. Foi morto na batalha.

Bran nunca tinha ouvido falar de Sor Stafford Lannister. Deu por si a concordar com o Grande Walder quando ele disse:

— O Lorde Tywin é o único que importa.

— Dizei a Robb que quero que venha para casa — disse Rickon. — Também pode trazer o lobo dele, e a mãe e o pai. — Embora soubesse que Lorde Eddard estava morto, por vezes Rickon esquecia-se... e Bran suspeitava que o fazia de propósito. O irmão mais novo era teimoso como só um rapaz de quatro anos sabia ser.

Bran sentia-se contente pela vitória de Robb, mas também inquieto. Lembrou-se do que Osha dissera no dia em que o irmão saíra de Winterfell à frente do seu exército. *Ele marcha na direcção errada*, insistira a selvagem.

— Infelizmente, não há vitória que não tenha o seu preço. — O Mestre Luwin virou-se para os Walder. — Senhores, o vosso tio, Sor Stevron Frey, está entre aqueles que perderam a vida em Cruzaboi. Robb escreve

que foi ferido na batalha. Não se pensava que fosse coisa séria, mas três dias mais tarde morreu na tenda enquanto dormia.

O Grande Walder encolheu os ombros.

— Era muito velho. Sessenta e cinco anos, acho eu. Velho de mais para batalhas. Andava sempre a dizer que estava cansado.

O Pequeno Walder soltou um assobio.

— Cansado de esperar que o nosso avô morra, queres tu dizer. Isso significa que Sor Emmon é agora o herdeiro?

— Não sejas estúpido — disse o primo. — Os filhos do primogénito vêm antes do segundo filho. O seguinte na linha de sucessão é Sor Ryman, e depois Edwyn e o Walder Negro e Petyr Borbulha. E depois Aegon e todos os filhos *dele*.

— Ryman também é velho — disse o Pequeno Walder. — Já passa dos quarenta, aposto. E tem uma barriga má. Achas que ele será senhor?

— *Eu* serei senhor. Não me interessa se ele é ou não.

O Mestre Luwin interrompeu vivamente.

— Devíeis ter vergonha dessa conversa, senhores. Onde está o vosso desgosto? O vosso tio está morto.

— Sim — disse o Pequeno Walder. — Estamos muito tristes.

Mas não estavam. Bran sentiu uma sensação de agonia na barriga. *Gostam mais do sabor deste prato do que eu*. Pediu ao Mestre Luwin licença para se retirar.

— Muito bem. — O Mestre fez soar a sineta para que a ajuda viesse. Hodor devia estar ocupado nos estábulos. Foi Osha quem veio. Mas a mulher era mais forte do que Alebelly, e não teve problemas em erguer Bran nos braços e em levá-lo pelos degraus abaixo.

— Osha — perguntou Bran enquanto atravessavam o pátio. — Conheces o caminho para Norte? Até à Muralha e... e mesmo para lá dela?

— O caminho é simples. Procura-se o Dragão de Gelo e segue-se a estrela azul no olho do cavaleiro. — Atravessou uma porta às arrecuas e começou a subir os degraus em espiral.

— E ainda há lá gigantes, e... o resto... os Outros, e também os filhos da floresta?

— Gigantes, vi-os, dos filhos ouvi contar histórias, e os caminhantes brancos... porque queres saber?

— Alguma vez viste um corvo com três olhos?

— Não. — Ela riu-se. — E não posso dizer que o queira ver. — Osha abriu a porta do quarto de Bran com um pontapé e pousou-o no banco de janela, de onde podia observar o pátio, lá em baixo.

Pareceu não se passar mais do que alguns instantes antes de a porta

se voltar a abrir e Jojen Reed entrar sem ser convidado, com a irmã Meera logo atrás.

— Ouviste falar da ave? — perguntou Bran. — Não foi um jantar, como disseste. Foi uma carta de Robb, e não a comemos, mas...

— Os sonhos verdes tomam estranhas formas, por vezes — admitiu Jojen. — A verdade que contém nem sempre é fácil de compreender.

— Conta-me a coisa má que sonhaste — disse Bran. — A coisa má que vem a caminho de Winterfell.

— O senhor meu príncipe acredita agora em mim? Irá confiar nas minhas palavras, por mais estranhas que pareçam aos seus ouvidos?

Bran confirmou com um aceno.

— O que vem a caminho é o mar.

— O *mar*?

— Sonhei que o mar ondulava em redor de Winterfell. Vi ondas negras a esmagar-se contra os portões e torres, e depois a água salgada entrou por cima das muralhas e encheu o castelo. Homens afogados flutuavam no pátio. Quando sonhei o sonho pela primeira vez, ainda na Água Cinzenta, não lhes conhecia os rostos, mas agora conheço. Aquele Alebelly é um deles, o guarda que gritou os nossos nomes no banquete. O vosso septão é outro. O ferreiro também.

— Mikken? — Bran sentia-se tão confuso como consternado. — Mas o mar fica a centenas e centenas de milhas daqui, e as muralhas de Winterfell são tão altas que a água não poderia entrar, mesmo se viesse.

— Na noite cerrada, o mar salgado fluirá sobre essas muralhas — disse Jojen. — Vi os mortos, inchados e afogados.

— Temos de lhes dizer — disse Bran. — A Alebelly, a Mikken e ao Septão Chayle. Dizer-lhes para não se afogarem.

— Isso não os salvará — respondeu o rapaz vestido de verde.

Meera veio até ao banco de janela e pousou-lhe uma mão no ombro.

— Eles não acreditarão, Bran. Não acreditarão mais do que tu.

Jojen sentou-se na cama de Bran.

— Contai-me o que *vós* sonhais.

Bran sentia-se assustado, mesmo então, mas tinha jurado confiar neles, e um Stark de Winterfell mantém a palavra dada.

— Há vários tipos de sonhos — disse lentamente. — Há os sonhos de lobo, esses não são tão maus como os outros. Corro, caço e mato esquilos. E há sonhos em que o corvo vem e me diz para voar. Por vezes, a árvore também está nesses sonhos, a chamar pelo meu nome. Isso assusta-me. Mas os piores sonhos são quando caio. — Olhou para baixo, para o pátio, sentindo-se infeliz. — Antes nunca caía. Quando trepava. Ia a todo o lado, pelos telhados e ao longo das paredes, costumava alimentar os corvos na

Torre Queimada. A mãe tinha medo que eu caísse, mas eu sabia que nunca cairia. Só que caí, e agora quando durmo, caio sempre.

Meera deu-lhe um apertão no ombro.

— É tudo?

— Acho que sim.

— *Warg* — disse Jojen Reed.

Bran olhou-o, com os olhos dilatados.

— O quê?

— *Warg*. Transmorfo. Lobisomem. É o que vos chamarão, se alguma vez ouvirem falar dos sonhos de lobo.

Os nomes deixaram-no de novo com medo.

— *Quem* me chamará isso?

— O vosso próprio povo. Com medo. Alguns odiar-vos-ão se souberem o que sois. Alguns tentarão mesmo matar-vos.

A Velha Ama contava por vezes histórias assustadoras sobre lobisomens e transmorfos. Nas histórias eram sempre malignos.

— Eu não sou assim — disse Bran. — *Não* sou. São só sonhos.

— Os sonhos de lobo não são verdadeiros sonhos. Tendes o olho bem fechado sempre que estais acordado, mas, quando adormeceis, ele abre-se e a vossa alma procura a sua outra metade. O poder é forte em vós.

— Não o quero. Quero ser um *cavaleiro*.

— Um cavaleiro é o que quereis ser. Um *warg* é o que sois. Não podeis mudar isso, Bran, não podeis negá-lo ou empurrá-lo para longe. Sois o lobo alado, mas nunca voareis. — Jojen ergueu-se e caminhou até à janela. — A menos que *abraís o vosso olho*. — Juntou dois dedos e bateu na testa de Bran, com força.

Quando levou a mão ao local, Bran sentiu apenas a pele lisa e contínua. Não havia nenhum olho, nem mesmo um olho fechado.

— Como posso eu abri-lo se não está lá?

— Nunca encontrareis o olho com os dedos, Bran. Tendes de procurá-lo com o coração. — Jojen estudou o rosto de Bran com aqueles estranhos olhos verdes. — Ou será que tendes medo?

— O Mestre Luwin diz que não existe nada nos sonhos que um homem deva temer.

— Existe, sim — disse Jojen.

— O quê?

— O passado. O futuro. A verdade.

Deixaram-no mais desorientado do que nunca. Quando ficou sozinho, Bran tentou abrir o terceiro olho, mas não sabia como. Por mais que enrugasse a testa e espetasse nela os dedos, não via de modo diferente do que antes. Nos dias que se seguiram, tentou prevenir os outros acerca do

que Jojen dissera, mas as coisas não correram como pretendia. Mikken achou a história engraçada.

— O mar, é? Ora acontece que sempre quis ver o mar. Mas nunca fui onde pudesse fazer isso. Então ele vem ter comigo, é? Os deuses são bons, para se incomodarem tanto com um pobre ferreiro.

— Os deuses levar-me-ão quando acharem por bem fazê-lo — disse calmamente o Septão Chayle — embora pense ser pouco provável que me afogue, Bran. Cresci nas margens do Faca Branca, sabeis? Sou bastante bom nadador.

O Alebelly foi o único que prestou alguma atenção ao aviso. Foi falar com Jojen, e depois deixou de tomar banho e recusou-se a aproximar-se do poço. Por fim, ficou tão malcheiroso que os outros guardas o atiraram para dentro de uma banheira de água a escaldar e o esfregaram até ficar com a pele em carne viva enquanto ele gritava que o iam afogar como o rapaz-rã tinha dito. Depois daquilo começou a franzir o sobrolho sempre que via Bran ou Jojen no castelo, e resmungava em surdina.

Foi alguns dias depois do banho de Alebelly que Sor Rodrik regressou a Winterfell com o prisioneiro, um jovem carnudo com lábios gordos e húmidos e cabelo longo que cheirava como uma latrina, ainda pior do que Alebelly.

— Chamam-lhe Cheirete — disse Hayhead quando Bran perguntou quem era. — Nunca ouvi o seu nome verdadeiro. Servia o Bastardo de Bolton e ajudou-o a assassinar a Senhora Hornwood, segundo dizem.

Naquela noite, ao jantar, Bran soube que o próprio bastardo estava morto. Os homens de Sor Rodrik tinham-no apanhado nas terras dos Hornwood a fazer qualquer coisa de horrível (Bran não tinha bem a certeza o quê, mas parecia ser algo que se fazia sem roupas) e tinham-no abatido com setas quando tentara escapar. Mas tinham chegado tarde de mais para a própria Senhora Hornwood. Depois do casamento, o Bastardo trancara-a numa torre e negligenciara a sua alimentação. Bran ouvira homens dizer que, quando Sor Rodrik arrombara a porta, a encontrara com a boca ensanguentada e os dedos arrancados à dentada.

— O monstro deixou-nos um nó cheio de espinhos — disse o velho cavaleiro ao Mestre Luwin. — Quisesse ou não, a Senhora Hornwood era sua esposa. Obrigou-a a proferir os votos junto quer dum septão quer duma árvore-coração, e deitou-se com ela nessa mesma noite, perante testemunhas. Ela assinou um testamento nomeando-o herdeiro e afixou-lhe o seu selo.

— Votos proferidos sob a ameaça de uma espada não são válidos — contestou o Mestre.

— Roose Bolton pode não concordar. Em especial quando há terras

em questão. — Sor Rodrik fez uma expressão infeliz. — Gostaria de ter cortado também a cabeça deste criado, ele é tão mau como o seu senhor. Mas temo que tenhamos de o manter vivo até que Robb regresse das suas guerras. É a única testemunha dos piores crimes do bastardo. Talvez que quando o Lorde Bolton ouça a sua história abandone a pretensão, mas entretanto temos cavaleiros Manderly e homens do Forte do Pavor a matar-se uns aos outros nas florestas dos Hornwood, e faltam-me as forças para os obrigar a parar. — O velho cavaleiro virou-se na cadeira e deitou a Bran um olhar severo. — E que tendes andado a fazer enquanto eu estive fora, senhor meu príncipe? Ordenando aos nossos guardas que não se lavem? Quereis que cheirem como este Cheirete, é isso?

— O mar está a vir até aqui — disse Bran. — Jojen viu-o num sonho verde. Alebelly vai afogar-se.

O Mestre Luwin puxou pela sua corrente.

— O rapaz Reed crê que vê o futuro nos sonhos, Sor Rodrik. Conversei com Bran sobre a incerteza de tais profecias, mas em boa verdade *há* problemas ao longo da Costa Pedregosa. Corsários em dracares, a saquear aldeias de pescadores. Violando e queimando. Leobald Tallhart enviou o sobrinho Benfred para lidar com eles, mas suponho que embarcarão nos seus navios e fugirão assim que virem homens com armaduras.

— Pois, para atacar noutra sítio qualquer. Que os Outros levem todos esses cobardes. Nunca se atreveriam, tal como o Bastardo de Bolton, se a nossa força principal não estivesse a mil léguas para sul. — Sor Rodrik olhou para Bran. — Que mais vos disse o rapaz?

— Disse que a água fluiria sobre as muralhas. Viu Alebelly afogado, e também Mikken e o Septão Chayle.

Sor Rodrik franziu o sobrolho.

— Bem, assim sendo, caso tenha de avançar em pessoa contra esses corsários, não levarei o Alebelly. Ele não me viu a *mim* afogado, pois não? Não? Ótimo.

Ouvir aquilo encorajou Bran. *Assim eles talvez não se afoguem*, pensou. *Se ficarem longe do mar.*

Meera achou o mesmo, mais tarde naquela noite quando ela e Jojen se encontraram com Bran no seu quarto para jogar um jogo de pedras a três, mas o irmão abanou a cabeça.

— As coisas que vejo nos sonhos verdes não podem ser alteradas.

Aquilo irritou a irmã.

— Porque haveriam os deuses de enviar um aviso se não lhe podermos prestar atenção e mudar o que está para vir?

— Não sei — disse Jojen em voz triste.

— Se fosses o Alebelly, provavelmente atirar-te-ias a um poço para resolver o assunto! Devíamos *lutar*, e Bran também.

— Eu? — Bran sentiu-se de súbito com medo. — Com o que devia eu lutar? Também me vou afogar?

Meera olhou-o com um ar de culpa.

— Eu não devia ter dito...

Bran percebeu que ela estava a esconder alguma coisa.

— Viste-me num sonho verde? — perguntou nervosamente a Jojen.

— Estava afogado?

— Afogado, não. — Jojen falava como se cada palavra lhe doesse.

— Sonhei com o homem que chegou hoje, aquele a quem chamam Cheirete. Vós e o vosso irmão jazíeis mortos a seus pés e ele estava a esfolar as vossas caras com uma longa lâmina vermelha.

Meera pôs-se em pé.

— Se eu fosse à masmorra, podia enfiar-lhe uma lança no coração. Como poderia ele assassinar Bran se estivesse morto?

— Os carcereiros impedir-te-iam — disse Jojen. — Os guardas. E se lhes dissesses o motivo por que o querias morto, nunca acreditariam.

— Eu também tenho guardas — lembrou-lhes Bran. — O Alebelly, o Poxy Tym, o Hayhead e os outros.

Os olhos de musgo de Jojen estavam cheios de piedade.

— Eles não serão capazes de o impedir, Bran. Não consegui ver porquê, mas vi o fim. Vi-vos e a Rickon na vossa cripta, lá em baixo, no escuro, com todos os reis mortos e os seus lobos de pedra.

Não, pensou Bran. *Não*.

— Se eu me fosse embora... para a Água Cinzenta, ou para o Corvo, para algum lugar distante onde não consigam encontrar-me...

— Não fará diferença. O sonho era verde, Bran, e os sonhos verdes não mentem.

TYRION

Varys estava em pé junto ao braseiro, aquecendo as suas mãos suaves.

— Parece que Renly foi assassinado de forma muito terrível no meio do seu exército. A sua garganta foi aberta de orelha a orelha por uma lâmina que passou por aço e osso como se fossem queijo mole.

— Assassinado pela mão de quem? — quis saber Cersei.

— Já alguma vez haveis pensado que demasiadas respostas são o mesmo que nenhuma resposta? Os meus informadores nem sempre estão colocados em posições tão elevadas como se poderia desejar. Quando um rei morre, as fantasias germinam como cogumelos na escuridão. Um palafreireiro diz que Renly foi morto por um cavaleiro da sua própria Guarda Arco-Íris. Uma lavadeira afirma que Stannis se esgueirou até ao coração do exército do irmão com a sua espada mágica. Vários homens de armas crêem que foi uma mulher quem cometeu o terrível acto, mas não conseguem concordar quanto a *que* mulher. Uma donzela que Renly desprezara, afirma um. Uma seguidora de acampamentos trazida para servir a sua vontade na véspera da batalha, diz um segundo. Um terceiro sugere que pode ter sido a Senhora Catelyn Stark.

A rainha não ficou contente.

— Tendes de desperdiçar o nosso tempo com todos os rumores que aos tolos apetece contar?

— Pagais-me bem por esses rumores, minha graciosa rainha.

— Pagamo-vos pela verdade, Lorde Varys. Lembrai-vos disso, caso contrário este pequeno conselho pode ficar ainda mais pequeno.

Varys soltou um risinho nervoso.

— Vós e o vosso nobre irmão acabareis por deixar Sua Graça sem conselho algum se continuardes assim.

— Atrevo-me a dizer que o reino pode sobreviver a alguns conselheiros a menos — disse o Mindinho com um sorriso.

— Meu muito querido Petyr — disse Varys —, não estais preocupado com a possibilidade de o vosso nome ser o próximo na listinha da Mão?

— Antes do vosso, Varys? Nunca sonharia com tal coisa.

— Talvez nos tornemos irmãos na Muralha, os dois juntos, vós e eu.

— Varys voltou a soltar um risinho.

— Mais depressa do que gostaríeis, se as próximas palavras a saírem

da vossa boca não forem algo de útil, eunuco. — Ajuizando pelos seus olhos, Cersei estava pronta a voltar a castrar Varys.

— Poderá isto ser algum estratagema? — perguntou o Mindinho.

— Se for, é um estratagema de suprema esperteza — disse Varys. — A mim ludibriou-me por completo.

Tyrion já ouvira o suficiente.

— Joff ficará tão desiludido — disse. — Estava a guardar um espigão tão agradável para a cabeça de Renly. Mas seja quem for que cometeu o acto, temos de assumir que Stannis esteve por detrás. O ganho é claramente seu. — Não gostava daquela notícia; contara que os irmãos Baratheon se dizimassem numa batalha sangrenta. Sentia o cotovelo a latejar no local em que a maça o abrisse. Por vezes fazia isso, quando o tempo estava húmido. Apertou-o inutilmente com a mão e perguntou: — E a hoste de Renly?

— A maior parte da sua infantaria permanece em Pontamarga. — Varys abandonou o braseiro para tomar o seu lugar à mesa. — A maioria dos senhores que acompanharam o Lorde Renly até Ponta Tempestade passou-se para o lado de Stannis, com toda a sua cavalaria.

— Liderados pelos Florent, aposto — disse o Mindinho.

Varys dirigiu-lhe um sorriso afectado.

— Ganharíeis, senhor. O Lorde Alester foi de facto o primeiro a dobrar o joelho. Muitos outros o seguiram.

— Muitos — disse Tyrion com intenção — mas não todos?

— Não todos — concordou o eunuco. — Nem Loras Tyrell, nem Randyll Tarly, nem Mathis Rowan. E a própria Ponta Tempestade não se rendeu. Sor Cortnay Penrose detém o castelo em nome de Renly, e não quer acreditar que o seu suserano está morto. Exige ver os restos mortais antes de abrir os portões, mas parece que o cadáver de Renly desapareceu inexplicavelmente. O mais provável é que tenha sido levado. Um quinto dos cavaleiros de Renly preferiu partir com Sor Loras a dobrar o joelho perante Stannis. Diz-se que o Cavaleiro das Flores enlouqueceu quando viu o corpo do rei e matou três dos guardas de Renly na sua ira, entre eles Emmon Cuy e Robar Royce.

Uma pena que se tenha ficado por três, pensou Tyrion.

— Sor Loras vai provavelmente a caminho de Pontamarga — prosseguiu Varys. — A irmã, a rainha de Renly, encontra-se lá, bem como muitos soldados que de repente deram por si sem rei. Que lado escolherão agora? Uma questão delicada. Muitos servem os senhores que permaneceram em Ponta Tempestade, e esses senhores pertencem agora a Stannis.

Tyrion inclinou-se para a frente.

— Há aqui uma oportunidade, parece-me. Se conquistarmos Loras Tyrell para a nossa causa, o Lorde Mace Tyrell e os seus vassallos poderão

juntar-se-nos também. Podem ter jurado as espadas a Stannis de momento, mas não é possível que gostem do homem, caso contrário teriam sido seus desde o início.

— Será o amor deles por nós maior? — perguntou Cersei.

— Dificilmente — disse Tyrion. — Era claro que amavam Renly, mas Renly está morto. Talvez lhes possamos dar motivos bons e suficientes para preferir Joffrey a Stannis... *se* jogarmos depressa.

— Que tipo de motivos tencionas dar-lhes?

— Motivos de ouro — sugeriu o Mindinho de imediato.

Varys soltou um *tsc*.

— Querido Petyr, certamente não estais a sugerir que aqueles poderosos senhores e nobres cavaleiros podem ser *comprados* como outras tantas galinhas no mercado?

— Tendes ido aos nossos mercados nos últimos tempos, Lorde Varys? — perguntou o Mindinho. — Atrevo-me a dizer que descobriríeis que é mais fácil comprar um senhor do que uma galinha. Os senhores cacarejam mais orgulhosamente do que as galinhas, naturalmente, e levam a mal se lhes for oferecida moeda como a um mercador, mas raramente mostram aversão a receber presentes... honrarias, terras, castelos...

— Subornos podem trazer até nós alguns dos senhores menores — disse Tyrion — mas nunca Jardim de Cima.

— É verdade — admitiu o Mindinho. — O Cavaleiro das Flores é aí a chave. Mace Tyrell tem dois filhos mais velhos, mas Loras sempre foi o seu preferido. Conquistai-o, e Jardim de Cima será vosso.

Sim, pensou Tyrion.

— Parece-me que devíamos receber um ensinamento do falecido Lorde Renly. Podemos conquistar a aliança dos Tyrell como ele fez. Com um casamento.

Varys foi o primeiro a compreender.

— Estais a pensar em casar o Rei Joffrey com Margaery Tyrell.

— Estou. — Julgava recordar que a jovem rainha de Renly não teria mais do que quinze ou dezasseis anos... mais velha do que Joffrey, mas alguns anos não eram nada, o arranjo era tão limpo e doce que era capaz de saboreá-lo.

— Joffrey está prometido a Sansa Stark — objectou Cersei.

— Contratos de casamento podem ser quebrados. Que vantagem há em casar o rei com a filha de um traidor morto?

O Mindinho interveio.

— Podeis fazer notar a Sua Graça que os Tyrell são muito mais ricos do que os Stark, e que se diz que Margaery é adorável... e além disso, alguém com quem se pode deitar.

— Sim — disse Tyrion —, Joff deve gostar bastante disso.

— O meu filho é novo de mais para se interessar por essas coisas.

— Achas que sim? — perguntou Tyrion. — Tem treze anos, Cersei. A mesma idade que eu tinha quando me casei.

— Envergonhaste-nos a todos com esse lamentável episódio. Joffrey é feito de material de melhor qualidade.

— Tão boa que ordenou a Sor Boros que arrancasse o vestido a Sansa.

— Estava zangado com a rapariga.

— Também estava zangado com o aprendiz de cozinheiro que derramou a sopa ontem à noite, mas não o pôs nu.

— Aquilo não era questão de um pouco de sopa derramada...

Não, era questão de um pouco de teta bonita. Depois do que se passara no pátio, Tyrion conversara com Varys acerca de como poderiam arranjar as coisas para que Joffrey visitasse a casa de Chataya. Esperava que provar um pouco de mel pudesse adoçar o rapaz. Até podia ficar *grato*, por amor dos deuses, e Tyrion não se importaria de receber um tudo-nada mais de gratidão do seu soberano. Teria de ser feito em segredo, naturalmente. A parte mais complicada seria separá-lo do Cão de Caça.

— O cão nunca está longe dos calcanhares do dono — observara a Varys — mas todos os homens dormem. E alguns também jogam, e frequentam prostitutas e tabernas.

— O Cão de Caça faz todas essas coisas, se é essa a vossa pergunta.

— Não — dissera Tyrion. — A minha pergunta é *quando*.

Varys pusera um dedo na cara, sorrindo enigmaticamente.

— Senhor, um homem suspicaz poderia pensar que vós desejais encontrar uma altura em que Sandor Clegane não está a proteger o Rei Joffrey, a fim de melhor fazer algum mal ao rapaz.

— Decerto me conheceis melhor do que isso, Lorde Varys — dissera Tyrion. — Ora, tudo o que quero é que Joffrey goste de mim.

O eunuco prometera debruçar-se sobre o assunto. Mas a guerra tinha as suas exigências; a iniciação de Joffrey à condição viril teria de esperar.

— Sem dúvida que conheces o teu filho melhor do que eu — obri-gou-se a dizer a Cersei — mas seja como for, há muito a dizer em favor de um casamento com os Tyrell. Pode ser a única maneira de Joffrey viver tempo suficiente para chegar à noite de núpcias.

O Mindinho concordou.

— A rapariga Stark não traz a Joffrey nada a não ser o corpo, por agradável que seja. Margaery Tyrell traz cinquenta mil espadas e todo o poderio de Jardim de Cima.

— É verdade. — Varys pousou uma mão suave na manga da rainha.

— Tendes um coração de mãe, e eu sei que Sua Graça ama a sua queridinha. Mas os reis têm de aprender a pôr as necessidades do reino à frente dos seus desejos. Afirmo que esta proposta tem de ser feita.

A rainha afastou-se do toque do eunuco.

— Não falaríeis assim se fôsseis mulheres. Dizei o que quiserdes, senhores, mas Joffrey é demasiado orgulhoso para se contentar com as sobras de Renly. Ele nunca consentirá.

Tyrion encolheu os ombros.

— Quando o rei chegar à idade adulta, dentro de três anos, pode dar ou retirar o seu consentimento ao que entender. Até lá, vós sois a sua regente e eu a sua Mão, e ele casará com quem quer que lhe dissermos para casar. Com sobras ou sem elas.

A aljava de Cersei estava vazia.

— Fazei então a vossa proposta, mas que os deuses vos salvem a todos se Joffrey não gostar desta rapariga.

— Estou tão contente por concordarmos — disse Tyrion. — E agora, qual de nós irá a Pontamarga? Temos de chegar com a proposta a Sor Loras antes que o seu sangue arrefeça.

— Tencionas mandar um membro do conselho?

— Não tenho grande esperança de que o Cavaleiro das Flores lide com Bronn ou Shagga, pois não? Os Tyrell são orgulhosos.

A irmã não perdeu tempo para tentar virar a situação em seu proveito.

— Sor Jacelyn Bywater é de nascimento nobre. Envia-o a ele.

Tyrion abanou a cabeça.

— Precisamos de alguém que possa fazer algo mais do que repetir as nossas palavras e trazer de volta uma resposta. O nosso enviado deve falar pelo rei e pelo conselho e arrumar o assunto rapidamente.

— A Mão fala com a voz do rei. — A luz das velas brilhava verde como fogovivo nos olhos de Cersei. — Se te enviarmos a ti, Tyrion, seria como se Joffrey fosse em pessoa. E quem haverá de mais adequado? Brandes palavras com tanta habilidade como Jaime brande a espada.

Estás assim tão ansiosa por me tirares da cidade, Cersei?

— É demasiada bondade tua, irmã, mas parece-me que a mãe de um rapaz está em melhores condições para lhe combinar o casamento do que um tio qualquer. E tens um dom para conquistar amigos que eu nunca poderei ter esperança de igualar.

Os olhos dela estreitaram-se.

— Joff precisa de mim a seu lado.

— Vossa Graça, senhor Mão — disse o Mindinho —, o rei precisa de ambos aqui. Deixai-me ir no vosso lugar.

— Vós? — *Que vantagem vê ele nisto?*, perguntou Tyrion a si próprio.

— Pertença ao conselho do rei, mas não sou do seu sangue, portanto seria fraco refém. Conheci Sor Loras razoavelmente bem quando ele esteve aqui na corte, e não lhe dei motivo para não simpatizar comigo. Mace Tyrell não tem inimizade por mim, que eu saiba, e gabo-me de possuir uma certa habilidade para a negociação.

Ele tem-nos na mão. Tyrion não confiava em Petyr Baelish, nem queria ver o homem longe da sua vista, mas que outra possibilidade lhe restava? Tinha de ser o Mindinho ou o próprio Tyrion, e sabia perfeitamente bem que se deixasse Porto Real durante algum tempo, tudo o que conseguira realizar seria desfeito.

— Luta-se entre Porto Real e Pontamarga — disse cautelosamente. — E podeis ter absoluta certeza de que o Lorde Stannis irá enviar os seus próprios pastores a fim de reunir os cordeiros transviados do irmão.

— Nunca me assustei com pastores. São as ovelhas que me perturbam. Mesmo assim, suponho que uma escolta possa ser necessária.

— Posso dispor de uma centena de mantos dourados — disse Tyrion.

— Quinhentos.

— Trezentos.

— E mais quarenta... vinte cavaleiros com outros tantos escudeiros. Se chegar sem comitiva de cavaleiros, os Tyrell julgar-me-ão de pequena importância.

Era verdade.

— De acordo.

— Incluirei no grupo o Babeiro e o Horror, e mandá-los-ei depois ao senhor seu pai. Um gesto de boa vontade. Precisamos de Paxter Redwyne, ele é o mais velho amigo de Mace Tyrell, e um grande poder em si mesmo.

— E um traidor — disse a rainha, contrariada. — A Árvore ter-se-ia declarado por Renly como todos os outros se esse Redwyne não soubesse perfeitamente que as suas crias sofreriam por isso.

— Renly está morto, Vossa Graça — fez notar o Mindinho —, e nem Stannis nem o Lorde Paxter terão esquecido o modo como as galés Redwyne fecharam o mar durante o cerco a Ponta Tempestade. Devolvi-lhe os gémeos e talvez consigamos ganhar a amizade dos Redwyne.

Cersei não ficou convencida.

— Os Outros podem ficar com a sua amizade, eu quero é as espadas e velas. Agarrar-nos bem a esses gémeos é a melhor forma de termos a certeza de que as obteremos.

Tyrion tinha resposta para aquilo.

— Então enviemos Sor Hobber para a Árvore e fiquemos com Sor

Horas aqui. O Lorde Paxter deverá ser suficientemente inteligente para descortinar o significado que isso tem, julgo eu.

A sugestão foi aceite sem protestos, mas o Mindinho não tinha terminado.

— Vamos precisar de cavalos. Rápidos e fortes. A luta tornará as mudas difíceis de encontrar. Um amplo fornecimento de ouro também será necessário, para aqueles presentes de que falámos antes.

— Levai tanto quanto necessário. Se a cidade cair, Stannis roubá-lo-á todo, de qualquer forma.

— Vou querer a minha incumbência por escrito. Um documento que não deixe qualquer dúvida a Mace Tyrell quanto à minha autoridade, dando-me plenos poderes para negociar com ele aquilo que diz respeito a este casamento e a quaisquer outras disposições que possam ser necessárias e para dar garantias seguras em nome do rei. Deverá ser assinado por Joffrey e por todos os membros deste conselho e deverá levar todos os nossos selos.

Tyrion moveu-se desconfortavelmente na cadeira.

— De acordo. É tudo? Lembro-vos de que a estrada daqui a Pontamarga é longa.

— Estarei a cavalgar por ela antes do romper da aurora. — O Mindinho pôs-se em pé. — Confio que no meu regresso o rei trate de me recompensar adequadamente pelos valentes esforços despendidos em prol da sua causa?

Varys soltou um risinho.

— Joffrey é um soberano tão cheio de gratidão que estou certo de que não tereis razões de queixa, meu bom e bravo senhor.

A rainha era mais directa.

— Que quereis, Petyr?

O Mindinho olhou de relance para Tyrion com um sorriso astuto.

— Terei de pesar o assunto durante algum tempo. Não tenho dúvidas de que pensarei em algo. — Esboçou uma vénia petulante e retirou-se de uma forma tão casual como se se dirigisse a um dos seus bordéis.

Tyrion olhou de relance pela janela. O nevoeiro era tão denso que nem conseguia ver a muralha exterior do outro lado do pátio. Algumas luzes ténues brilhavam, indistintas, através de todo esse cinzento. *Um dia desagradável para viajar*, pensou. Não invejava Petyr Baelish.

— É melhor que tratemos de compor esses documentos. Lorde Varys, mandai buscar pergaminho e penas. E alguém terá de acordar Joffrey.

Ainda estava cinzento e escuro quando a reunião finalmente chegou ao fim. Varys debandou sozinho, com os chinelos moles a apressar-se pelo chão fora. Os Lannister demoraram-se um momento junto à porta.

— Como anda a tua corrente, irmão? — perguntou a rainha enquanto Sor Preston lhe prendia aos ombros um manto de pano de prata forrado a veiro.

— Elo a elo, vai crescendo. Devíamos agradecer aos deuses por Sor Cortnay Penrose ser tão teimoso como é. Stannis nunca marchará para norte deixando Ponta Tempestade por tomar na retaguarda.

— Tyrion, eu sei que nem sempre concordamos quanto aos planos de acção, mas parece-me que me enganei a teu respeito. Não és um tolo tão grande como imaginava. Na verdade, apercebo-me agora de que tens sido uma grande ajuda. Por isso, agradeço-te. Tens de me perdoar se te falei de forma desagradável no passado.

— Ah tenho? — Dirigiu-lhe um encolher de ombros, um sorriso. — Querida irmã, não disseste nada que precise de perdão.

— Referes-te a hoje? — Ambos se riram... e Cersei inclinou-se e plantou um beijo rápido e suave na testa do irmão.

Demasiado espantado para falar, Tyrion só conseguiu ficar a vê-la a sair da sala em passos largos, com Sor Preston a seu lado.

— Perdi o juízo, ou a minha irmã acabou de me dar um beijo? — perguntou a Bronn depois de ela sair.

— Foi assim tão bom?

— Foi... inesperado. — Cersei tinha andado a comportar-se estranhamente nos últimos tempos. Tyrion achava esse facto muito perturbador. — Estou a tentar lembrar-me da última vez que me beijou. Não podia ter mais de seis ou sete anos. O Jaime desafiara-a a fazê-lo.

— A mulher reparou finalmente nos teus encantos.

— Não — disse Tyrion. — Não, a mulher está a chocar alguma. É melhor descobrir o quê, Bronn. Sabes que eu detesto surpresas.

THEON

Theon limpou o cuspo da cara com as costas da mão.

— Robb há-de esventrar-te, Greyjoy — gritou Benfred Tallhart. — Há-de dar o teu coração de vira-casaca ao lobo para comer, seu bocado de estrume de ovelha.

A voz de Aeron Cabelo-Molhado cortou através dos insultos como uma espada corta queijo.

— Agora tens de matá-lo.

— Tenho primeiro perguntas a fazer-lhe — disse Theon.

— Que se *fodam* as tuas perguntas. — Benfred pendia, sangrando e impotente, entre Stygg e Werlag. — Hás-de engasgar-te com elas antes de receberes respostas de mim, cobarde. Vira-casaca.

O tio Aeron mostrou-se inflexível.

— Quando cospe em ti, cospe em todos nós. Cospe no Deus Afogado. Tem de morrer.

— O meu pai deu-me *a mim* o comando aqui, tio.

— E enviou-me para te aconselhar.

E para me vigiar. Theon não se atrevia a levar as coisas longe de mais com o tio. O comando era seu, sim, mas os homens tinham uma fé no Deus Afogado que não tinham nele, e Aeron Cabelo-Molhado apavorava-os. *Não posso censurá-los por isso.*

— Hás-de perder a cabeça por isto, Greyjoy. Os corvos hão-de comer a geleia dos teus olhos. — Benfred tentou voltar a cuspir, mas só conseguiu lançar um pouco de sangue. — Que os Outros enrabem o teu deus molhado.

Tallhart, deitaste a vida fora à cuspidela, pensou Theon.

— Stygg, silencia-o — disse.

Forçaram Benfred a ajoelhar-se. Werlag arrancou a pele de coelho do seu cinto e enfiou-lha entre os dentes para lhe calar os gritos. Stygg preparou o machado.

— Não — declarou Aeron Cabelo-Molhado. — Ele deve ser dado ao deus. Pelo costume antigo.

Que importa? Morte é morte.

— Então levai-o.

— Também virás. Aqui comandas. A oferenda deve vir de ti.

Aquilo era mais do que Theon era capaz de aguentar.

— Sois vós o sacerdote, tio, deixo o deus convosco. Fazei-me a mesma delicadeza e deixai as batalhas comigo. — Fez um gesto com a mão e Werlag e Stygg puseram-se a caminho da costa, arrastando o prisioneiro. Aeron Cabelo-Molhado deitou ao sobrinho um olhar de reprovação e depois seguiu-os. Iriam até à praia de cascalho, a fim de afogar Benfred Talhart em água salgada. Pelo costume antigo.

Talvez seja um bem que lhe é feito, disse Theon a si próprio enquanto se afastava a passos largos na outra direcção. Stygg não era, nem de longe, o mais hábil dos decapitadores, e Benfred tinha um pescoço grosso como o de um touro, cheio de músculo e gordura. *Costumava troçar dele por causa disso, só para ver até que ponto conseguia irritá-lo*, recordou. Isso fora, quando, há três anos? Quando Ned Stark fora a Praça de Torrhen visitar Sor Helman, Theon acompanhara-o e passara uma quinzena na companhia de Benfred.

Ouvia os rudes sons da vitória, vindos da curva na estrada onde a batalha fora travada... se é que se podia chamar àquilo uma batalha. *Em boa verdade, foi mais uma matança de ovelhas. Ovelhas cobertas de aço, mas ovelhas na mesma.*

Trependo um monte de pedras, Theon olhou para os homens mortos e cavalos moribundos em baixo. Os cavalos mereciam melhor do que aquilo. Tymor e os irmãos reuniam as montadas que tinham saído incólumes da luta, enquanto Urzen e o Lorren Negro silenciavam os animais demasiado feridos para serem salvos. O resto dos seus homens pilhava os cadáveres. Gevin Harlaw ajoelhou sobre o peito de um morto, cortando-lhe um dedo para obter um anel. *Pagando o preço de ferro. O senhor meu pai aprovaria.* Theon pensou em vasculhar os bolsos dos dois homens que matara para ver se possuíam algumas jóias que valessem a pena levar, mas a ideia deixou-lhe um gosto amargo na boca. Era capaz de imaginar o que Eddard Stark teria dito. Mas esse pensamento também o zangou. *O Stark está morto e apodrece, e não me é nada*, recordou a si próprio.

O Velho Botley, a quem chamavam Barbas-de-Peixe, sentava-se de cenho franzido junto à sua pilha de despojos enquanto os três filhos lhe acrescentavam mais coisas. Um deles estava num jogo do empurra com um gordo chamado Todric, que cambaleava entre os mortos com um corno de cerveja numa mão e um machado na outra, vestido com um manto de pele branca de raposa só ligeiramente manchado pelo sangue do seu anterior dono. *Bêbado*, decidiu Theon, vendo-o berrar. Dizia-se que os homens de ferro de antigamente tinham estado frequentemente bêbados de sangue em batalha, tão enlouquecidos que não sentiam dor e não temiam nenhum inimigo, mas aquela era uma comum bebedeira de cerveja.

— Wex, o meu arco e a aljava. — O rapaz correu a trazer o que lhe

fora pedido. Theon dobrou o aço e enfiou a corda nos entalhes no momento em que Todric atirava o filho de Botley ao chão e lhe atirava cerveja aos olhos. O Barbas-de-Peixe pôs-se em pé de um salto, praguejando, mas Theon foi mais rápido. Apontou para a mão que segurava o corno de beber, planeando mostrar-lhes um tiro digno de ser comentado, mas Todric estragou-o inclinando-se para um lado no momento em que Theon largava a corda. A seta apanhou-o na barriga.

Os homens pararam a pilhagem e abriram as bocas. Theon baixou o arco.

— Eu disse que não queria bêbados nem querelas por causa do saque. — De joelhos, Todric morria ruidosamente. — Botley, silencia-o. — O Barbas-de-Peixe e os filhos foram rápidos a obedecer. Abriram a garganta de Todric enquanto ele escolheva debilmente e começaram a despojá-lo do manto e anéis antes ainda de estar morto.

Agora sabem que o que digo é a sério. O Lorde Balon podia ter-lhe dado o comando, mas Theon sabia que alguns dos seus homens viam apenas um rapaz mole das terras verdes quando olhavam para ele.

— Alguém mais tem sede? — Ninguém respondeu. — Ótimo. — Deu um pontapé no estandarte caído de Benfred, preso à mão morta do escudeiro que o transportara. Uma pele de coelho tinha sido atada por baixo da bandeira. *Porquê peles de coelho?*, quisera perguntar, mas apanhar com cuspo fizera-o esquecer-se das perguntas. Atirou o arco a Wex e afastou-se a passos largos, lembrando-se de como se sentira exultante após o Bosque dos Murmúrios, e perguntando a si próprio por que motivo isto não sabia tão bem. *Tallhart, seu maldito tolo demasiado orgulhoso, nem sequer enviaste um homem para bater o terreno.*

Vinham a trocar piadas e até a *cantar* enquanto se aproximavam, com as três árvores de Tallhart a flutuar acima deles enquanto peles de coelho oscilavam estupidamente, presas às pontas das lanças. Os arqueiros escondidos por detrás das giestas tinham estragado a canção com uma chuva de setas, e o próprio Theon liderara o ataque dos homens de armas para acabar a carnificina com punhais, machados e martelos de guerra. Ordenara que o líder fosse poupado para ser interrogado.

Só que não esperara que fosse Benfred Tallhart.

O seu corpo sem vida estava a ser arrastado para fora das ondas quando Theon regressou à *Cadela do Mar*. Os mastros dos seus dracares delineavam-se contra o céu ao longo da praia pedregosa. Da aldeia de pescadores nada restava além de cinzas frias que fediam quando chovia. Os homens tinham sido passados pela espada, todos excepto um punhado que Theon deixara fugir a fim de levarem a notícia a Praça de Torrhen. As esposas e filhas, aquelas que eram suficientemente jovens e bonitas, tinham sido

mantidas vivas como esposas de sal. As velhas e as feias foram simplesmente violadas e mortas, ou capturadas como servas se possuísem aptidões úteis e não parecesse provável que viessem a causar problemas.

Theon também planeava aquele ataque, trazendo os navios ao longo da costa na escuridão gelada que antecederia a alvorada e saltando da proa com um machado de cabo longo na mão para liderar os seus homens no ataque à aldeia adormecida. Não gostara do sabor de nada daquilo, mas que escolha tinha?

A sua três vezes maldita irmã conduzia o *Vento Negro* para norte naquele preciso instante, certa de conquistar para si um castelo. O Lorde Balon não deixara que nenhuma notícia sobre a reunião da frota se escapasse das Ilhas de Ferro, e o trabalho sangrento de Theon ao longo da Costa Pedregosa seria atribuído a piratas em busca de saque. Os nortenhos não se aperceberiam do verdadeiro perigo em que se encontravam antes que os martelos caíssem sobre Bosque Profundo e Fosso Cailin. *E depois de tudo feito e conquistado, farão canções para aquela cadela da Asha e esquecer-se-ão de que eu estive aqui.* Isto é, se o permitisse.

Dagmer Boca-Fendida encontrava-se ao lado da grande proa esculpida do seu dracar, *Bebedor de Espuma*. Theon confiara-lhe a tarefa de guardar os navios; de outra forma os homens teriam dito que aquela era uma vitória de Dagmer, e não sua. Um homem mais susceptível teria tomado aquilo como uma desfeita, mas o Boca-Fendida só se rira.

— O dia está ganho — gritou Dagmer para baixo. — E, no entanto, não sorris, rapaz. Os vivos devem sorrir, porque os mortos não podem. — E sorriu, para mostrar como se fazia. Era uma visão hedionda. Sob uma cabeleira branca como a neve, Dagmer Boca-Fendida tinha a cicatriz mais capaz de dar a volta às tripas que Theon alguma vez vira, o legado do machado que quase o matara em rapaz. O golpe rachara-lhe o maxilar, estilhaçara-lhe os dentes da frente e deixara-o com quatro lábios onde os outros homens não tinham mais de dois. Uma barba hirsuta cobria-lhe a cara e o pescoço, mas os pêlos não cresciam sobre a cicatriz, e um veio brilhante de carne pregueada e retorcida dividia-lhe o rosto como uma fenda num campo de neve. — Conseguíamos ouvi-los a cantar — disse o velho guerreiro. — Era uma boa canção e cantaram-na bravamente.

— Cantavam melhor do que lutavam. Harpas ter-lhes-iam servido tão bem como as lanças.

— Quantos homens se perderam?

— Dos nossos? — Theon encolheu os ombros. — Todric. Matei-o por se embebedar e lutar pelo saque.

— Há homens que nasceram para serem mortos. — Um homem menor teria tido receio de mostrar um sorriso tão assustador como o dele, mas

Dagmer sorria mais frequente e largamente do que o Lorde Balon alguma vez sorrira.

Feio como era, aquele sorriso trazia de volta cem recordações. Theon vira-o frequentemente em rapaz, quando saltava a cavalo por cima de um muro coberto de musgo, ou atirava um machado e rachava um alvo. Vira-o quando bloqueara um golpe da espada de Dagmer, quando atingira uma gaiivota em voo com uma seta, quando tomara a cana do leme na mão e guiara um dracar em segurança por entre um emaranhado de rochedos cobertos de espuma. *Ele deu-me mais sorrisos do que o meu pai e Eddard Stark juntos.* Até Robb... devia ter ganhado um sorriso naquele dia em que salvara Bran daquele selvagem, mas em vez disso recebera uma descompostura, como se fosse algum cozinheiro que tivesse deixado queimar o estufado.

— Vós e eu temos de conversar, tio — disse Theon. Dagmer não era um tio verdadeiro, só um homem ajuramentado com talvez uma pitada de sangue Greyjoy de há quatro ou cinco vidas, e ainda por cima vindo do lado errado da manta. Mas apesar disso, Theon sempre lhe chamara tio.

— Então sobe ao meu convés. — Não havia *sñhores* vindos de Dagmer, em especial quando ele se encontrava no seu convés. Nas Ilhas de Ferro, cada capitão era um rei a bordo do seu navio.

Subiu a prancha que levava ao convés do *Bebedor de Espuma* em quatro longas passadas, e Dagmer levou-o até à pequena cabina de popa, onde se serviu de um corno de cerveja amarga e ofereceu o mesmo a Theon. O jovem declinou.

— Não capturámos cavalos suficientes. Alguns, mas... bem, suponho que o que tenho terá de servir. Menos homens significam mais glória.

— Que necessidade temos de cavalos? — Tal como a maior parte dos homens de ferro, Dagmer preferia lutar a pé ou a partir do convés de um navio. — Os cavalos só irão cagar nos nossos conveses e meter-se na nossa frente.

— Se nos fizéssemos ao mar, sim — admitiu Theon. — Tenho outro plano. — Observou o outro com cuidado para ver como encarava aquilo. Sem o Boca-Fendida não podia ter esperança de ser bem sucedido. Com ou sem comando, os homens nunca o seguiriam se tanto Aeron como Dagmer se lhe opusessem, e não tinha esperança de conquistar o sacerdote de cara amarga.

— O senhor teu pai ordenou-nos que assolássemos a costa, nada mais. — Olhos claros como espuma marinha observaram Theon por baixo daquelas hirsutas sobranceiras brancas. Seria desaprovação que ali via, ou uma cintilação de interesse? Esta última, pensava... esperava...

— Sois um homem do meu pai.

— O seu *melhor* homem, e sempre o fui.

Orgulho, pensou Theon. *Ele é orgulhoso, tenho de usar isso, o seu orgulho será a chave.*

— Não há nenhum homem nas Ilhas de Ferro com metade da perícia com a lança ou a espada.

— Estiveste demasiado tempo longe, rapaz. Quando partiste, era como dizes, mas envelheci ao serviço do Lorde Greyjoy. Os cantores dizem agora que Andrik é o melhor. Andrik, O Que Não Sorri, chamam-lhe. Um homem gigantesco. Serve o Lorde Drumm da Velha Wyk. E o Lorren Negro e Qarl, o Donzela, são quase igualmente terríveis.

— Esse Andrik pode ser um grande guerreiro, mas os homens não o temem como vos temem a vós.

— Sim, é verdade — disse Dagmer. Os dedos enrolados em volta do corno de beber estavam ajouçados de anéis, de ouro, prata e bronze, incrustados com bocados de safira, granada e vidro de dragão. Theon sabia que pagara o preço de ferro por cada um deles.

— Se tivesse um homem como vós ao meu serviço, não o desperdiçaria nesta criancice de saquear e queimar. Isto não é serviço para o melhor homem de Lorde Balon...

O sorriso de Dagmer retorceu-lhe os lábios e afastou-os para mostrar as lascas castanhas dos seus dentes.

— Nem para o seu filho legítimo? — Soltou uma exclamação. — Conheço-te bem de mais, Theon. Vi-te dar o primeiro passo, ajudei-te a dobrar o teu primeiro arco. Não sou eu quem se sente desperdiçado.

— Pelo direito, eu devia ter o comando da minha irmã — admitiu, desconfortavelmente consciente de como aquilo soava a choraminguice.

— Levas este assunto demasiado a peito, rapaz. É só que o senhor teu pai não te conhece. Com os teus irmãos mortos e tu levado pelos lobos, a tua irmã foi o consolo dele. Aprendeu a confiar nela, e ela nunca lhe falhou.

— Nem eu. Os Stark conhecem o meu valor. Fui um dos batedores seleccionados por Brynden Peixe Negro, e participei na primeira carga no Bosque dos Murmúrios. Fiquei a *esta* distância de cruzar espadas com o próprio Regicida. — Theon separou as mãos meio metro. — Daryn Hornwood interpôs-se entre nós e morreu por isso.

— Porque me contas isso? — perguntou Dagmer. — Fui eu quem te pus a primeira espada na mão. Sei que não és nenhum cobarde.

— E o meu pai, sabe?

O velho e encanecido guerreiro pareceu ter mordido alguma coisa cujo sabor não lhe agradava.

— É só que... Theon, o Rapaz Lobo é teu amigo, e esses Stark tiveram-te durante dez anos.

— Não sou nenhum Stark. — *O Lorde Eddard assegurou-se disso.* — Sou um Greyjoy, e tenciono ser herdeiro do meu pai. Como posso fazer isso a menos que prove o meu valor com algum grande feito?

— És jovem. Outras guerras virão, e farás os teus grandes feitos. Por agora, foi-nos ordenado que assolemos a Costa Pedregosa.

— Que o meu tio Aeron trate disso. Dar-lhe-ei seis navios, todos menos o *Bebedor de Espuma* e a *Cadela do Mar*, e poderá queimar e afogar gente até deixar o seu deus empanturrado.

— O comando foi-te dado a ti, não a Aeron Cabelo-Molhado.

— Desde que a pilhagem aconteça, que importa? Nenhum sacerdote seria capaz de realizar o que tenciono fazer, nem a incumbência que vos dou. Tenho uma tarefa que só Dagmer Boca-Fendida pode realizar.

Dagmer bebeu um grande gole do seu corno.

— Conta-me.

Está tentado, pensou Theon. *Não gosta deste trabalho de corsário mais do que eu.*

— Se a minha irmã pode tomar um castelo, também eu posso.

— Asha tem quatro ou cinco vezes mais homens do que nós.

Theon permitiu-se um sorriso astuto.

— Mas nós temos quatro vezes mais inteligência, e cinco vezes mais coragem.

— O teu pai...

— ... agradecer-me-á, quando lhe entregar o seu reino. Tenciono realizar um feito sobre o qual os harpistas cantarão durante mil anos.

Sabia que aquilo faria Dagmer hesitar. Um cantor fizera uma canção sobre o machado que lhe rachara o maxilar ao meio, e o velho adorava ouvi-la. Sempre que estava com os copos, gritava por uma canção de saque, algo sonoro e tempestuoso que falasse de heróis mortos e feitos de grande valor. *Tem cabelos brancos e dentes podres, mas ainda possui gosto pela glória.*

— Qual seria o meu papel nesse teu plano, rapaz? — perguntou Dagmer Boca-Fendida após um longo silêncio, e Theon soube que tinha ganhado.

— Inspirar o terror no coração do inimigo, como só alguém com o vosso nome será capaz de fazer. Levareis a maior parte das nossas forças e marchareis contra Praça de Torrhen. Helman Tallhart levou os melhores homens para sul, e Benfred morreu aqui com os filhos deles. O tio Leobald ainda estará lá, com uma pequena guarnição. — *Se tivesse tido oportunidade de interrogar Benfred, saberia precisamente quão pequena.* — Não façais segredo da vossa aproximação. Cantai todas as bravas canções que quiserdes. Quero que fechem os portões.

— Esta Praça de Torrhen é uma fortaleza forte?

— Bastante forte. As muralhas são de pedra, com nove metros de altura, torres quadradas em cada canto e uma fortaleza quadrada lá dentro.

— Não é possível incendiar muralhas de pedra. Como havemos de tomá-las? Nem sequer temos homens suficientes para assaltar um castelo pequeno.

— Montareis acampamento junto às muralhas e começareis a construir catapultas e máquinas de cerco.

— Isso não é o Costume Antigo. Esqueceste-te? Os homens de ferro lutam com espadas e machados, não com o arremesso de pedras. Não há qualquer glória em matar um inimigo à fome.

— Leobald não saberá disso. Quando vos vir a erguer torres de cerco, o seu sangue de velha gelará e balirá por ajuda. Refreai os arqueiros, tio, e deixai o corvo voar. O castelão em Winterfell é um homem corajoso, mas a idade endureceu-lhe a inteligência tanto quanto os membros. Quando souber que um dos vassalos do seu rei está sob ataque do temível Dagmer Boca-Fendida, reunirá as suas forças para ir em auxílio de Tallhart. É o seu dever. Se Sor Rodrik é alguma coisa, essa coisa é cumpridor.

— Qualquer força que ele reúna será maior do que a minha — disse Dagmer — e esses velhos cavaleiros são mais astuciosos do que tu pensas, caso contrário nunca teriam sobrevivido até ver o primeiro cabelo branco. Envias-nos para uma batalha que não podemos esperar vencer, Theon. Essa Praça de Torrhen nunca cairá.

Theon sorriu.

— Não é Praça de Torrhen que tenciono tomar.

ARYA

A confusão e o ruído dominavam o castelo. Havia homens em pé em carroças a carregar cascos de vinho, sacas de farinha e feixes de setas acabadas de fazer. Ferreiros endireitavam espadas, removiam amolgadelas de placas de peito e ferravam tanto corcéis como mulas de carga. Lorigões eram atirados para dentro de barris de areia e rolados pela superfície granulosa do Pátio das Lâminas para serem limpos. As mulheres de Weese tinham vinte mantos para remendar e mais cem para lavar. Os grandes e os humildes aglomeravam-se juntos no septo para rezar. Fora das muralhas, tendas e pavilhões eram desmontados. Escudeiros atiravam selhas de água para fogueiras, enquanto soldados puxavam pelas pedras a fim de dar às suas lâminas uma última e boa amoladela. O ruído era uma maré enchente: cavalos a resfolegar e a relinchar, senhores a gritar ordens, homens de armas a trocar pragas, seguidoras de acampamentos a discutir.

O Lorde Tywin Lannister ia por fim pôr-se em marcha.

Sor Addam Marbrand foi o primeiro dos capitães a partir, um dia antes dos outros. Fez disso um galante espectáculo, montando um temperamental corcel vermelho, cuja crina tinha a mesma cor acobreada do cabelo longo que fluía até abaixo dos ombros de Sor Addam. O cavalo usava arreios bronzeados, tingidos para combinar com o manto do cavaleiro e decorados com a árvore ardente. Algumas das mulheres do castelo soluçaram ao vê-lo partir. Weese disse que era um grande cavaleiro e espadachim, o mais ousado dos comandantes de Lorde Tywin.

Espero que morra, pensou Arya enquanto o via sair pelo portão, com os homens a fluir atrás numa coluna dupla. *Espero que morram todos*. Sabia que iam lutar contra Robb. Escutando as conversas enquanto ia trabalhando, Arya ficara a saber que Robb conquistara uma grande vitória qualquer no Ocidente. Que queimara Lannisporto, diziam alguns, ou que tencionara queimá-lo. Que capturara Rochedo Casterly e passara toda a gente pela espada, ou que estava a cercar o Dente Dourado... mas *alguma coisa* aconteceria, pelo menos isso era certo.

Weese pusera-a a entregar mensagens da alvorada ao ocaso. Algumas até a levaram para lá das muralhas do castelo, até ao meio da lama e loucura do acampamento. *Podia fugir*, pensou quando uma carroça passou por si com estrondo. *Podia saltar para a parte de trás de uma carroça e esconder-me, ou juntar-me às seguidoras de acampamentos, ninguém me impediria*. Poderia

tê-lo feito se não fosse Weese. Dissera-lhe mais de uma vez o que faria a quem quer que lhe tentasse escapar.

— Não há-de ser um espancamento, oh, não. Não te toco com um dedo. Só te guardo para o qohorano, ah pois guardo, guardo-te para o Estropiador. O nome dele é Vargo Hoat, e quando voltar, há-de cortar-te os pés. — *Talvez se Weese estivesse morto*, pensava Arya... mas não quando ele estava presente. Era capaz de olhar e cheirar o que se estava a pensar, dizia-o sempre.

Mas Weese nunca imaginou que ela soubesse ler, e nunca se incomodou em selar as mensagens que lhe dava. Arya espreitava-as a todas, mas nunca eram nada de bom, só coisas estúpidas, enviar este carro para o celeiro e aquele para o armeiro. Uma era uma exigência de pagamento de uma dívida de jogo, mas o cavaleiro a quem a deu não sabia ler. Quando lhe disse o que dizia, tentou bater-lhe, mas Arya esquivou-se ao golpe, baixando-se, tirou-lhe da sela um corno de beber ligado a prata, e fugiu. O cavaleiro rugiu e veio atrás dela, mas ela esgueirou-se por entre dois carros, abriu caminho pelo meio de um aglomerado de arqueiros e saltou por cima de uma fossa. Com a cota de malha vestida, ele não conseguiu acompanhá-la. Quando deu o corno a Weese, este disse-lhe que uma pequena Doninha esperta como ela merecia uma recompensa.

— Tenho o olho num capão rechonchudo e estaladiço para o jantar de hoje. Vamos partilhá-lo, tu e eu. Vais gostar.

Onde quer que fosse, Arya procurava por Jaqen H'ghar, desejando sussurrar-lhe outro nome antes que aqueles que odiava estivessem todos para lá do seu alcance, mas no meio do caos e confusão, o mercenário de Lorath não se encontrava em parte alguma. Ainda lhe devia duas mortes, e ela preocupava-se com a hipótese de nunca as obter se ele partisse para a batalha com os outros. Por fim, arranjou coragem para perguntar a um dos guardas do portão se ele tinha partido.

— É um dos homens de Lorch, não é? — perguntou o homem. — Então não vai. Sua senhoria nomeou Sor Amory castelão de Harrenhal. Esses tipos vão todos ficar aqui, para defender o castelo. Os Saltimbancos Sangrentos também vão ser cá deixados, para tratar dos abastecimentos. Aquele bode do Vargo Hoat é capaz de ir parar ao espigão, ele e Lorch sempre se odiaram.

Mas a Montanha partiria com Lorde Tywin. Iria comandar a vanguarda na batalha, o que queria dizer que Dunsen, Polliver e Raff escorreriam todos entre os seus dedos, a menos que conseguisse encontrar Jaqen e o mandasse matar um deles antes de partirem.

— Doninha — disse Weese nessa tarde. — Vai ao armeiro e diz a Luncan que Sor Lyonel fez um entalhe na espada durante o treino e precisa de

uma nova. Está aqui o sinal dele. — Entregou-lhe um quadrado de papel. — E despacha-te, que ele deve partir com Sor Kevan Lannister.

Arya pegou no papel e correu. O armeiro ficava junto das forjas do castelo, um longo edifício de tecto elevado que mais parecia um túnel, com vinte forjas construídas nas paredes e longas cubas de água em pedra para temperar o aço. Metade das forjas estavam a laborar quando entrou. As paredes ressoavam com o som dos martelos, e homens corpulentos com aventais de couro suavam no calor sombrio enquanto se debruçavam sobre foles e bigornas. Quando vislumbrou Gendry, viu-lhe o peito nu lustroso de suor, mas os olhos azuis sob o pesado cabelo negro possuíam a expressão teimosa que recordava. Arya nem soubera que queria falar com ele. Fora por sua culpa que tinham sido apanhados.

— Qual deles é Lucan? — Mostrou-lhe o papel. — Tenho de arranjar uma espada nova para Sor Lyonel.

— Deixa lá o Sor Lyonel. — Puxou-a para o lado pelo braço. — Na noite passada, o Tarte Quente perguntou-me se te tinha ouvido a gritar *Winterfell* lá no castro, quando estávamos todos a lutar na muralha.

— Nunca fiz isso.

— Fizeste, sim. Eu também te ouvi.

— Toda a gente estava a gritar coisas — disse Arya em tom defensivo. — O Tarte Quente gritou *tarte quente*. Deve ter gritado isso cem vezes.

— O que importa é o que *tu* gritaste. Eu disse ao Tarte Quente que devia limpar a cera dos ouvidos, e que tudo o que gritaste foi *Salva a pele!* Se ele te perguntar, é melhor que respondas a mesma coisa.

— Respondo — disse ela, embora pensasse que *salva a pele* era uma coisa estúpida para se gritar. Não se atrevia a dizer ao Tarte Quente quem realmente era. *Talvez devesse dizer o nome do Tarte Quente ao Jaqen.*

— Vou buscar Lucan — disse Gendry.

Lucan soltou um grunhido quando viu o que estava escrito no papel (embora Arya achasse que ele não era capaz de o ler), e pegou numa pesada espada longa.

— Isto é bom de mais para aquele idiota, e tu diz-lhe que eu disse isto — disse, enquanto lhe entregava a lâmina.

— Eu digo — mentiu ela. Se fizesse tal coisa, Weese espancá-la-ia até a deixar em sangue. Lucan que entregasse ele próprio os seus insultos.

A espada longa era muito mais pesada do que a Agulha, mas Arya gostou de lhe pegar. O peso do aço nas mãos fazia-a sentir-se mais forte. *Talvez não seja ainda uma dançarina de água, mas também não sou um rato. Um rato não poderia usar uma espada, mas eu posso.* Os portões estavam abertos, com soldados a entrar e a sair, carroças a entrar vazias e a sair a ranger e a oscilar sob o peso das suas cargas. Pensou em ir até aos estábulos e

dizer-lhes que Sor Lyonel queria um cavalo novo. Tinha o papel, os moços de estrebaria não seriam mais capazes de o ler do que Lucan. *Podia levar o cavalo e a espada e simplesmente sair. Se os guardas me tentassem parar, mostrar-lhes-ia o papel e diria que estava a levar tudo a Sor Lyonel.* Mas não tinha ideia alguma do aspecto de Sor Lyonel ou de onde poderia ser encontrado. Se a interrogassem, saberiam, e então Weese... Weese...

Enquanto mordida o lábio, tentando não pensar no que sentiria se lhe cortassem os pés, um grupo de arqueiros com justilhos de couro e elmos de ferro passou por ela, com os arcos a tiracolo. Arya ouviu fragmentos das conversas.

— ...gigantes, digo-te eu, ele tem *gigantes* com seis metros de altura, vindos de lá da Muralha, que o seguem como cães...

— ...não é natural, caindo sobre eles tão depressa, de noite e tudo. É mais lobo do que homem, todos aqueles Stark são...

— ...caguei nos teus lobos e gigantes, o rapaz mijava-se nas calças se soubesse que íamos a caminho. Não foi homem bastante para marchar sobre Harrenhal, pois não? Fugiu p'ró outro lado, não foi? É melhor que fuja agora, se souber o que é melhor p'ra ele.

— Tu dizes isso, mas pode ser que o rapaz saiba alguma coisa que nós não sabemos, se calhar somos *nós* quem devia fugir...

Sim, pensou Arya. Sim, sois vós quem devia fugir; vós e o Lorde Tywin, a Montanha, Sor Addam, Sor Amory e o estúpido do Sor Lyonel, seja ele quem for; é melhor que todos vós fujais ou o meu irmão matar-vos-á, ele é um Stark, é mais lobo do que homem, e eu também.

— Doninha. — A voz de Weese estalou como um chicote. Não chegou a ver de onde ele viera, mas de súbito estava mesmo na sua frente. — Dá cá isso. Demoraste bastante tempo. — Arrancou-lhe a espada dos dedos, e deu-lhe uma forte bofetada com as costas da mão. — Da próxima vez, despacha-te mais.

Por um momento, voltara a ser uma loba, mas a bofetada de Weese roubou-lhe tudo e deixou-a sem nada a não ser o sabor do seu próprio sangue na boca. Mordera a língua quando ele lhe batera. Odiou-o por isso.

— Queres outra? — perguntou Weese. — Vais levar com ela. Não quero ver os teus olhares insolentes. Vai à cervejaria e diz ao Tuffleberry que tenho duas dúzias de barris para ele, mas é melhor que mande os rapazes buscá-los, senão eu encontro alguém que os queira mais. — Arya pôs-se a caminho, mas não suficientemente depressa para Weese. — E tu *corre*, se quiseres comer esta noite — gritou, já esquecido das promessas de capão rechonchudo e estaladiço. — E não te percas outra vez, ou juro que te vou bater até sangrar.

Não vais, não, pensou Arya. *Nunca mais o farás.* Mas correu. Os ve-

lhós deuses do Norte deviam ter-lhe guiado os passos. A meio caminho da cervejaria, ao passar sob a ponte de pedra que se arqueava entre a Torre da Viúva e a Pira do Rei, ouviu um riso rude e rosnado. Rorge dobrou uma esquina com outros três homens, todos eles com o símbolo da mantícóra de Sor Amory cosido sobre o coração. Quando a viu, parou e sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e castanhos sob a aba de couro que por vezes usava para tapar o buraco que tinha na cara.

— A coninha de Yoren — chamou-lhe ele. — Parece que já sabemos porque é que aquele bastardo preto *te* queria na Muralha, não é? — Voltou a rir-se e os outros riram com ele. — Onde está agora o teu pau? — Quis saber de súbito, desaparecido o sorriso tão depressa como tinha surgido. — Parece-me que prometi foder-te com ele. — Deu um passo na direcção dela. Arya recuou. — Agora que não estou a ferros, já não és tão corajosa, pois não?

— Eu *salvei-te*. — Manteve um bom metro entre ambos, pronta para fugir rápida como uma serpente se ele tentasse agarrá-la.

— Parece que te devo outra foda por causa disso. O Yoren encheu-te a coninha, ou gostava mais desse cuzinho apertadinho?

— Ando à procura de Jaqen — disse ela. — Há uma mensagem.

Rorge parou. Algo nos seus olhos... seria possível que tivesse *medo* de Jaqen H'ghar?

— No balneário. Sai-me da frente.

Arya rodopiou e correu, ligeira como uma corça, com os pés a voar sobre as pedras arredondadas até ao balneário. Encontrou Jaqen de molho numa banheira, com vapor a erguer-se à sua volta enquanto uma criada lhe despejava água quente na cabeça. O seu longo cabelo, vermelho de um lado e branco do outro, caía-lhe sobre os ombros, molhado e pesado.

Arya aproximou-se, silenciosa como uma sombra, mas ele abriu os olhos na mesma.

— Ela vem furtiva em pequenos pés de rato, mas um homem ouve — disse. *Como pode ter-me ouvido?*, perguntou ela a si própria, e foi como se ele também tivesse ouvido aquilo. — O raspar de couro em pedra canta tão alto como trombetas de guerra para um homem com os ouvidos abertos. Raparigas espertas andam descalças.

— Trago uma mensagem. — Arya olhou para a criada com incerteza. Quando lhe pareceu que não era provável que se fosse embora, inclinou-se para a frente até quase lhe tocar na orelha com a boca. — Weese — murmurou.

Jaqen H'ghar voltou a fechar os olhos, flutuando, lânguido, meio adormecido.

— Diz a sua senhoria que um homem irá servi-lo a seu tempo. —

Moveu subitamente a mão, salpicando-a de água quente, e Arya teve de saltar para trás para evitar ficar ensopada.

Quando transmitiu a Tuffleberry o que Weese dissera, o cervejeiro praguejou em voz alta.

— Diz mas é ao Weese que os meus moços têm deveres a cumprir, e diz-lhe também que é um bastardo bexigoso, e que os sete infernos hão-de congelar antes de ele provar outro corno da minha cerveja. Ou eu tenho esses barris dentro da próxima hora, ou o Lorde Tywin ouvirá falar do assunto, ele logo verá se não.

Weese também praguejou quando Arya trouxe aquela mensagem de volta, embora tivesse deixado de lado a parte sobre ele ser um bastardo bexigoso. Enfureceu-se e lançou ameaças, mas por fim reuniu seis homens e, resmungando, mandou-os levar os barris à cervejaria.

O jantar, naquela noite, foi um estufado aguado de cevada, cebola e cenouras, com uma fatia de pão castanho e duro. Uma das mulheres andava a dormir na cama de Weese, e recebeu também um bocado bom de queijo azul, e uma asa do capão de que Weese falara de manhã. Ele comeu o resto sozinho, com a gordura a correr-lhe numa fita brilhante por entre os furúnculos que ulceravam no canto da boca. A ave estava quase no fim quando ergueu o olhar da travessa e viu que Arya o fitava.

— Doninha, anda cá.

Ainda havia algumas dentadas de carne escura presas a uma coxa. *Ele esqueceu-se, mas agora lembrou-se*, pensou Arya. Sentiu-se mal por ter dito a Jaqen que o matasse. Saiu do banco e dirigiu-se ao topo da mesa.

— Vi-te a olhar para mim. — Weese limpou os dedos no peito da camisa dela. Depois agarrou-lhe na garganta com uma mão e esbofeteou-a com a outra. — Que foi que te disse? — Voltou a esbofeteá-la, com as costas da mão. — Guarda esses olhos para ti, senão da próxima vez arranco um deles com a colher e dou-o a comer à minha cadela. — Um empurrão atirou-a ao chão, aos tropeções. A bainha prendeu-se num prego solto no banco de madeira lascada e rasgou-se quando ela caiu. — E vais remendar isso antes de dormir — anunciou Weese enquanto arrancava o último bocado de carne do capão. Quando terminou, chupou sonoramente os dedos, e atirou os ossos ao seu feio cão malhado.

— Weese — murmurou Arya naquela noite enquanto se debruçava sobre o rasgão na camisa. — Dunsen, Polliver, Raff, o Querido — disse, um nome por cada vez que puxava a agulha de osso através da lã não tingida. — O Cócegas e o Cão de Caça. Sor Gregor, Sor Amory, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. — Perguntou a si própria quanto mais tempo teria de incluir Weese na sua prece, e derivou para o sono, sonhando que no dia seguinte, quando acordasse, ele estaria morto.

Mas foi a biqueira dura da bota de Weese que a acordou, como sempre. A força principal da hoste de Lorde Tywin iria partir naquele dia, disse-lhes ele enquanto quebravam o jejum com bolos de aveia.

— Que nenhum de vós esteja a pensar que as coisas vão ficar fáceis depois do s'nhor de Lannister se ir embora — preveniu. — O castelo não vai encolher, prometo, só que agora vai haver menos mãos para cuidar dele. O vosso bando de mandriões vai aprender agora o que é o trabalho, oh se vai.

De ti, não. Arya debicou o seu bolo de aveia. Weese franziu-lhe o sobrolho, como se farejasse o seu segredo. Num movimento rápido, ela baixou os olhos para a comida e não se atreveu a voltar a erguê-los.

Uma luz mortiça enchia o pátio quando o Lorde Tywin Lannister se retirou de Harrenhal. Arya observou a partida de uma janela arqueada, a meia altura da Torre dos Lamentos. O seu cavalo trazia uma manta de escamas esmaltadas de carmim e crinete e testeira dourados, enquanto o próprio Lorde Tywin ostentava um espesso manto de arminho. O irmão, Sor Kevan, tinha um aspecto quase igualmente magnífico. Nada menos do que quatro porta-estandartes seguiam à frente dos dois, transportando enormes bandeiras carmim ornamentadas com o leão dourado. Atrás dos Lannister vinham os seus grandes senhores e capitães. As bandeiras cintilavam e esvoaçavam, um sumptuoso cortejo de cor: boi vermelho e montanha dourada, unicórnio purpúreo e galo bantã, javali e texugo malhados, um furão de prata e um malabarista com roupas multicolores, estrelas e esplendores, pavão e pantera, asna e punhal, capuz preto, escaravelho azul e seta verde.

No fim de todos vinha Sor Gregor Clegane com o seu aço cinzento, montado num garanhão com um temperamento tão mau como o do cavaleiro. Polliver seguia a seu lado, com o estandarte dos cães pretos na mão e o elmo com chifres de Gendry na cabeça. Era um homem alto, mas não parecia mais do que um rapaz meio crescido quando cavalgava na sombra do seu senhor.

Um arrepio subiu pela espinha de Arya quando os viu passar sob a grande porta levadiça de Harrenhal. De súbito apercebeu-se de que tinha cometido um erro terrível. *Sou tão estúpida*, pensou. Weese não importava, não importava mais do que Chiswyck. *Aqueles* eram os homens que importavam, eram aqueles que devia ter matado. Na noite anterior podia ter sussurrado a morte de qualquer um, se ao menos não tivesse estado tão furiosa com Weese por lhe ter batido e mentido a propósito do capão. *Lorde Tywin, porque foi que não disse Lorde Tywin?*

Talvez não fosse tarde de mais para mudar de ideias. Weese ainda não estava morto. Se conseguisse encontrar Jaqen, dizer-lhe...

Apressadamente, Arya correu pela escada em espiral, esquecida dos deveres. Ouviu o chocalhar de correntes que fazia a porta levadiça a ser des-cida com lentidão, os seus espigões a afundar-se profundamente no solo... e então outro som, um guincho de dor e medo.

Uma dúzia de pessoas chegou lá antes dela, embora nenhuma se aproximasse muito. Arya abriu caminho entre elas, contorcendo-se. Weese estava estatelado nas pedras, com a garganta transformada numa ruína vermelha, olhos abertos, sem ver, na direcção de um banco de nuvens cinzentas. A feia cadela malhada estava em pé sobre o seu peito, bebendo o sangue que lhe saía cadenciadamente do pescoço, e de quando em quando arrancando um bocado de carne da cara do morto.

Por fim, alguém trouxe uma besta e matou a cadela enquanto esta se entretinha com uma das orelhas de Weese.

— Que maldita coisa — ouviu um homem dizer. — Ele tinha aquela cadela desde cachorra.

— Este lugar está amaldiçoado — disse o homem com a besta.

— É o fantasma de Harren, é o que é — disse a Governanta Amabel.
— Não durmo aqui nem mais uma noite, juro.

Arya ergueu o olhar do homem morto e do seu cão morto. Jaqen H'ghar estava encostado à parede da Torre dos Lamentos. Quando a viu a olhar, ergueu uma mão e pousou casualmente dois dedos na cara.